

## A PRODUÇÃO DO CURRÍCULO NA TELEVISÃO: QUE DISCURSO É ESSE?

PARAÍSO, Marlucy Alves – UFMG/UFRJ

Este trabalho trata das produções discursivas da televisão sobre a educação e o currículo. A partir da análise de comerciais e programas sobre a educação veiculados pelo Canal Futura – canal televisivo que se autodenomina de “o canal do conhecimento”, criado pelo setor privado de telecomunicações e que envolve um conjunto de empresários brasileiros e estrangeiros<sup>1</sup> –, este trabalho expõe as formas de controle operadas, as técnicas adotadas para divulgar as idéias e as vozes autorizadas a falar nesse meio. Nessa operação, este estudo mostrará como o currículo e a escola têm sido pensados, falados e produzidos pela mídia, especialmente pela televisão, no Brasil, neste final de século.

Se acionarmos o controle remoto da televisão, somos conduzidos/as a um leque de programas, comerciais e reportagens sobre a educação. Aí a escola e o currículo têm sido falados, expostos, produzidos. A escola tem ocupado “horários nobres” da Rede Globo; ela aparece nos seus telejornais e em diferentes programas; ela é falada e propagada em diferentes comerciais. Sem falar do Canal Futura, criado para falar e fazer educação<sup>2</sup>. Assim, é possível verificar facilmente, e estarei neste trabalho dando outras evidências desse processo, que *a escola está na televisão*. No Canal Futura a escola e o currículo têm sido pensados, falados, expostos, propagados, multiplicados. Ele critica os currículos escolares; exalta as experiências que considera *alternativas*; autoriza certas vozes para falar de

---

<sup>1</sup> Até março de 2000, 19 grupos empresariais estavam investindo nesse Canal, que é liderado pela Rede Globo, maior empresa de telecomunicações do Brasil. Durante os intervalos de sua programação, o Canal Futura apresenta curtos comerciais (que duram entre 15 e 20 segundos), narrando quem são “os parceiros do canal do conhecimento”. Com pequenas chamadas do tipo “Banco (...), parceiro da Futura na aventura do conhecimento”, “A Rede (...) acredita na Futura”, “Grupo (...), mais uma parceira da rede do conhecimento”, “O (...) também acredita nesta parceria para o conhecimento”, “Quem quer um Brasil melhor investe na educação e no Futura” (...), o Canal Futura vai nomeando os “fortes parceiros do investimento na educação”, que optei por não colocar neste trabalho. As propagandas que divulgam a importância desse canal também estão veiculadas em diferentes espaços da mídia.

<sup>2</sup> O Canal Futura já é operado por mais de 60.000 escolas brasileiras, conforme mensagem divulgada em sua programação. Esse canal é dirigido às escolas de todos os níveis de ensino. Além disso, conforme o próprio *discurso de mobilização* desse canal e de seus criadores, pretende-se atingir, além das escolas, associações de bairros, comunidades organizadas, ONGs, hospitais, presídios, bibliotecas públicas e “quaisquer outras instituições que precisam ter acesso a informações e conhecimentos do mundo”. Esse canal aborda diferentes temas, com programas educativos dos mais diferentes tipos: tele-aulas sobre temas variados, histórias, instruções para trabalhos manuais, programas ecológicos, programas variados sobre a escola, brincadeiras e

educação, “fabrica” o *amigo da escola*; produz a *escola legal* e o *currículo com afeto*; propõe que a comunidade se articule para reformar o espaço físico das escolas; convida pesquisadores internacionais para debater sobre a educação; promove seminários e, em seguida, organiza *megashows* com artistas brasileiros, que convidam a comunidade para participar da *parceria pela educação*.

Se por um lado *a escola está na televisão*, esta, por sua vez, também se encontra na escola. Afinal, uma das políticas educacionais do Ministério da Educação – MEC – destinadas ao Ensino Fundamental, na gestão Fernando Henrique Cardoso, consistiu em equipar as escolas públicas com um *Kit tecnológico*, composto por antena parabólica, televisor, aparelho de videocassete, receptor de satélite e caixas de fitas. Com esses equipamentos, muitas escolas (cerca de 48.980 das 53.964 escolas de Ensino Fundamental com mais de 100 alunos existentes no país<sup>3</sup>) podem, desde março de 1996, receber, gravar e trabalhar com os programas da TV Escola<sup>4</sup>, e, mais recentemente, desde setembro de 1998, as escolas contam também com a programação do Canal Futura que, embora faça parte da chamada “TV por assinatura”, é oferecido gratuitamente a todas as escolas que possuem os equipamentos adequados e se interessam por sua programação. Além disso, nas videotecas das escolas, encontram-se fitas com programas de vários outros canais de televisão<sup>5</sup>.

A partir da evidência de que o *discurso da televisão está na escola* e de que *a escola e o currículo estão sendo pensados, falados, expostos e multiplicados na televisão*, este trabalho lida com a hipótese de que a televisão, ao expor suas idéias, autoriza certos grupos a falar sobre a educação e desautoriza outros, ela se utiliza de professores, estudantes e outros profissionais da educação, bem como de artistas de prestígio da mídia brasileira –

---

jogos infantis, parceria comunidade-escola, gestão escolar, política econômica e educacional, novelas de época, filmes clássicos comentados, etc.

<sup>3</sup> Esses dados foram divulgados, no final do ano de 1997, pela Secretaria de Educação a Distância do MEC – SEED/MEC –, em folhetos que acompanham a Revista *TV Escola*, enviada bimestralmente às escolas públicas que participam do *Programa TV Escola*.

<sup>4</sup> Programa idealizado e executado pela SEED/MEC que “transmite programação às escolas de ensino fundamental e médio, dirigida à capacitação e aperfeiçoamento do professor, e também ao seu trabalho em sala de aula” (essas informações aparecem na contracapa de todos os números da Revista *TV Escola*). A programação televisiva é complementada com revista (a Revista *TV Escola*), a *Grade de Programação* e Cadernos Temáticos (os *Cadernos TV Escola*).

<sup>5</sup> Parte desta investigação foi realizada numa escola de Belo Horizonte, divulgada pela SEED/MEC como escola que sabe fazer bom uso dos seus programas e possuidora de boa videoteca. Lá encontrei fitas gravadas de vários canais da chamada *TV Aberta* e não somente fitas com programas da TV Escola e do Canal Futura.

Sandy e Júnior, Letícia Sabatela, Regina Casé, Tony Ramos, Tony Belloto, Serginho Groisman, Stênio Garcia e outros – para dizer coisas sobre a escola e o currículo. Além disso, a televisão possui seu próprio modelo curricular, sua própria referência de educação de qualidade e está produzindo, ela mesma, um discurso próprio sobre a escola, um “regime de verdade” para a educação.

Como lembra Foucault (1980), “cada sociedade tem seu regime de verdade, sua política geral de verdade: isto é, os tipos de discursos que aceita e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e instâncias que permitem distinguir entre sentenças verdadeiras e falsas, os meios pelos quais cada um deles é sancionado; as técnicas e procedimentos valorizados na aquisição da verdade; o *status* daqueles que estão encarregados de dizer o que conta como verdadeiro. (Foucault, 1980, p. 131, apud Gore, 1995, p.10.)

Este trabalho, que trata, portanto, das produções discursivas atuais da televisão sobre a educação e o currículo, se insere no campo dos Estudos Culturais, numa perspectiva pós-estruturalista que incorpora as contribuições de Foucault acerca do discurso e do poder<sup>6</sup>.

O que me interessa, especialmente, nos comerciais e programas sobre a escola que têm sido amplamente divulgados pela televisão brasileira nesta virada de século, especialmente pelo Canal Futura, são os processos pelos quais as “verdades” sobre a escola são produzidas pela televisão para a participação compulsória numa rede simbólica que não mais fala da “escola existente”, mas antes passa a produzir uma série de valores, conceitos e idéias que auxiliam a propagar um discurso próprio sobre a educação, a escola e o currículo.

### **Currículo e mídia: as contribuições dos Estudos Culturais**

Os Estudos Culturais têm sua origem na fundação, em 1964, do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos, na Universidade de Birmingham, Inglaterra. Se as produções do

---

<sup>6</sup> A noção de discurso de Foucault é a de que ele é produtivo. Ele não apenas nomeia, ele produz a realidade. Para o autor o discurso é “uma prática que sistematicamente forma os objetos de que fala”. (Foucault, 1995, p.50). O poder de Foucault é aquele que produz, que institui verdades, que divide, que é propriedade das relações e não das pessoas ou grupos, que é móvel, instável, despolarizado. Para Tomaz Tadeu da Silva (1999a) “a concepção de poder de Foucault está ancorada nas noções de disciplina e normalização. A disciplina é a forma específica pelo qual o poder se manifesta e garante seus efeitos” (p.20). Além disso, afirma o autor, “a disciplina não segue o cálculo das grandes estratégias de dominação, mas o cálculo firme e permanente dos pequenos gestos, das pequenas táticas, dos procedimentos ordinários da vida cotidiana, servindo-se, para isso, de instrumentos também aparentemente simples, mas sutis e eficazes: a normalização, a organização minuciosa do tempo e do espaço, o exame, a vigilância. (p. 20).

Centro, durante muito tempo, utilizaram quadros de referência claramente marxista, apoiando-se em interpretações de Marx feitas por autores tais como Althusser e, mais tarde, Gramsci; nos anos 80, esse predomínio cede lugar ao pós-estruturalismo de autores como Foucault e Derrida (Silva, 1999a).

Stuart Hall (1992), ao discutir os estudos de mídia, faz um breve histórico das mudanças de abordagens e dos focos de preocupações pelas quais esses estudos passaram no Centro de Estudos Culturais da Universidade de Birmingham. Segundo Hall, o retorno a uma preocupação da mídia com os significados, entendendo que ela “ocupa uma posição dominante no que diz respeito à maneira pela qual as relações sociais e os problemas políticos são definidos” (Hall, 1992, p.118), é a mais significativa e consistente marca no trabalho no Centro de Estudos Culturais.

A literatura mais recente do campo dos Estudos Culturais sugere claramente o estudo do vínculo entre escolarização e mídia (Green e Bigum, 1995, Dalton, 1996, Kellner, 1995 e Giroux, 1995a, 1995b e 1995c). Como escrevem Bill Green e Chris Bigum (1995, p.214.):

“Uma questão ainda pouco clara e compreendida é a de um importante deslocamento da escola para a mídia como o “aparelho ideológico do estado” dominante (no sentido althusseriano). Na assim chamada virada pós-moderna, o currículo tende a se desvincular da escola, o que impõe uma reconceptualização tanto do currículo quanto da escola, uma reconceptualização que seja feita de acordo com as condições modernas e para as condições pós-modernas”. (Green e Bigum, 1995, p.214.)

Green e Bigum apontam para a necessidade de ampliar as noções de currículo e de pedagogia para incorporar o estudo de outros ambientes educativos, que não o escolar, especialmente o da mídia, que vêm exercendo um importante papel na formação das pessoas na atualidade. Os autores nos falam que, embora ainda seja uma questão pouco compreendida, existe um verdadeiro deslocamento da escola para a mídia, como “educadora eletrônica” das novas gerações. A mídia vem ensinando às pessoas modos de ser, estar e se portar no mundo, conhecimentos de si mesmo e dos outros, valores, normas e procedimentos.

Por um lado, a mídia, aparentemente, possui seu próprio modelo curricular, sua própria referência de escola de qualidade e promove ela mesma uma seleção, dentre inúmeras possibilidades, daquilo que considera importante e válido de ser ensinado para as

novas gerações. Por outro lado, as pessoas constroem seu próprio currículo através da mídia (Dalton, 1996, p.98), seu conhecimento sobre o que merece ser ensinado às novas gerações, sobre as relações entre professores/as e estudantes, entre escola e comunidade, entre Estado e educação etc.

Este estudo, portanto, vai ao encontro da necessidade anunciada por esses/essas estudiosos/as dos Estudos Culturais de que se amplie a noção de pedagogia e de currículo e de que sejam pesquisadas pedagogias externas ao processo de escolarização. Nas palavras Giroux:

“Uma nova política cultural também deve lidar, criticamente, com aqueles discursos que estão fora dos domínios tradicionais do conhecimento, para ampliar a definição histórica e relacional de textos culturais, e analisar a forma como ‘o conhecimento, não importa quão mundano e utilitário, joga com imagens lingüísticas e produz práticas culturais’<sup>7</sup>. A necessidade de uma tal análise fica demonstrada no poderoso papel que a mídia está, de forma crescente, assumindo na produção de imagens e de textos que penetram em cada vez mais áreas da vida cotidiana”. (Giroux, 1995a, p.136.)

É assim que, encontrando a possibilidade de ampliação e alargamento da concepção de currículo nas pesquisas inseridas no campo dos Estudos Culturais, passo a lidar com a concepção de *currículo cultural* que possibilita tomar como objeto de estudo e análise, no campo educacional, qualquer artefato cultural.

Nessa perspectiva, Mary Dalton (1996), em instigante trabalho que analisa o currículo de 26 filmes sobre bons e boas professores/as de Hollywood, argumenta que o conhecimento geral sobre as relações entre professores/as e estudantes, conhecimento além do plano do pessoal ou anedótico, é criado por construções da cultura popular exibida pela mídia. A autora mostra que os filmes de Hollywood apresentam um modelo curricular específico e têm sua própria teoria de currículo. Para Dalton, Hollywood possui “um modelo curricular que exalta a experiência pessoal, numa ampla operação estético-ético-política, a qual faz do currículo e do ensino uma coisa só” (1996, p.101).

Outros/as pesquisadores/as educacionais têm observado que a relação entre o currículo e a cultura da informação estaria na base da emergência de um novo tipo de estudante, fato a que educadores/as e dirigentes do sistema de ensino e pesquisadores da educação ainda estão pouco atentos. Nessa linha de pensamento, Green e Bigum afirmam:

---

<sup>7</sup> A frase entre aspas simples é de T. Morrison, da obra *Playing in the dark: whiteness and the literary imagination*. Cambridge, Harvard University Press, 1992, citada por Giroux em seu artigo.

“Parece evidente que está sendo construída, atualmente, uma nova relação entre a escolarização e a mídia. Mas existe uma justificativa ainda mais óbvia para reavaliar, urgentemente, estas instituições, suas práticas e as correspondentes inter-relações entre elas. É que não se trata apenas da crescente penetração da mídia no processo de escolarização, mas também, de forma mais geral, da importância da mídia e da cultura da informação para a escolarização e para formas cambiantes de currículo e de alfabetismo, com todos os problemas e possibilidades daí decorrentes”. (Green e Bigum, 1995, p.214.)

### **Que discurso é esse?**

Se é evidente, por um lado, a “clara penetração da mídia no processo de escolarização”, e, por outro lado, a existência de “formas cambiantes de currículo”, é certo, também, que novas maneiras de pensar a escola estão sendo produzidas no mundo das telecomunicações. Emerge, neste final do século, um conhecimento sobre e para a escola, produzido por discursos de diferentes áreas, com a participação decisiva da comunicação.

A incidência cada vez mais evidente das realidades tecnológicas sobre todos os aspectos da vida social e os deslocamentos menos visíveis que ocorrem na esfera intelectual obrigam-nos a reconhecer, portanto, as tecnologias atuais e, especialmente a televisão, como um tema político de grande importância nesse novo tempo. Mas que discurso é esse que vem sendo produzido na mídia, especialmente na televisão, sobre e para a escola?

Na realidade, louvada como um símbolo de esperança no futuro e, ao mesmo tempo, denunciada como injusta, desigual, de péssima qualidade, um desperdício do dinheiro público, a educação escolar pública foi, neste século, objeto de ambivalência. Ela esteve sempre presa entre discursos contraditórios.

Na atualidade a mídia acirrou essa ambivalência e as imagens que representam a escola são ainda mais dicotômicas e contraditórias. De um lado, os comerciais, sejam eles patrocinados por empresários, pela própria mídia ou pelo Governo Federal, propagam a necessidade de escolas para todos, apresentam uma escola bonita, harmônica, alegre e sem conflitos<sup>8</sup>. De outro lado, os telejornais, as reportagens e matérias de ampla divulgação que

---

<sup>8</sup> A propaganda sobre a escola patrocinada pelo Ministério da Educação e veiculada por diferentes meios da mídia nos anos de 1998 e de 1999 é exemplar. A propaganda, que na sua ficha técnica possui o título de *ABC: toda criança na escola*, possui 60 segundos de duração, apresenta como personagem principal o Edson Arantes do Nascimento (Pelé) e as outras são todas crianças. Durante o *clip* todos/as cantam uma música que tem como tema central o ato de aprender a ler e a escrever. O ritmo da música é um samba, que é cantada e dançada pelas crianças junto com Pelé. Nesse comercial, a escola possui uma força social poderosa, é prazerosa, fácil, eficaz, alegre, descontraída – uma brincadeira. A leitura, por exemplo, de um livro de literatura, é feita por uma criança dentro de uma banheira transbordando água. A escola é também democrática e harmônica, já que meninas e meninos, brancas/os, negras/os, mestiços/as e de classes sociais diferentes aprendem a ler e a escrever todos/as juntos/as, cantando, dançando, brincando, felizes e descontraídos/as.

falam da escola, representam-na como estando em grande crise. Crise que é constantemente representada pela degradação da rede física, das condições necessárias para o seu funcionamento, pela violência física, pela ineficiência do currículo e pela falta de material adequado. Algumas vezes a escola pública é apresentada como a culpada pela crise econômica e social do país, já que não consegue suprir as necessidades dos/as estudantes e muito menos do mercado de trabalho.

É claro que ao representar a escola pública como ineficiente, a televisão apresenta a si mesma como uma boa alternativa para a educação das pessoas. Isso no Canal Futura é feito de uma maneira impressionantemente eficiente. Assim, por exemplo, o programa “*Você na TV*”, dá voz a diferentes jovens para dizerem o que pensam da sua escola. Num desses episódios<sup>9</sup> um jovem diz “*o maior problema da escola é que os professores não compreendem a nossa necessidade de agito; as aulas são muito cansativas, são dadas sempre do mesmo modo*”. Em seguida vemos um comercial que diz porque o Canal Futura é importante, com a seguinte mensagem: “*com o Canal Futura você pode estudar sozinho em casa e tirar as dúvidas com profissionais competentes e dinâmicos; as tele-aulas são produzidas para prender sua atenção e ajudar você na aventura do conhecimento*”. Não menos importante é lembrar que o programa seguinte, na programação do Canal Futura, é o *Telecurso 2º Grau*.

O *Jornal Futura*<sup>10</sup>, em alguns momentos, faz o papel de mostrar a dura realidade das escolas públicas brasileiras. Nesse espaço são mostradas as péssimas condições da estrutura física das escolas, a falta de transporte escolar para estudantes de regiões de difícil acesso, o desvio de dinheiro público, em alguns municípios, que deveriam ser gastos com a educação, os salários aviltantes que várias/os professores/as ganham, a crua realidade da professora que dá aulas num curral, etc. Mas o jornal quase sempre opta pelo “meio termo”. Essas notícias e reportagens são logo mediadas com reportagens que mostram como “*determinadas professoras driblam os baixos salários e investem tudo que ganham na formação continuada para melhorar a qualidade da sua prática docente*”; como alguns

---

<sup>9</sup> Estou me referindo nesta parte, à programação que foi ao ar no dia 11 de janeiro de 2000.

<sup>10</sup> Esse jornal vai ao ar de 2ª a 6ª sexta no Canal Futura, às 20 horas, com reprise 3 vezes ao dia. Trabalhei com 15 episódios do *Jornal Futura* para retirar as notícias e reportagens mais recorrentes (Dias: 8, 9, 10 e 11

empresários vêm investindo na melhoria da qualidade da escola pública; ou, ainda, “o esforço do MEC para melhorar a formação dos professores através da Educação a Distância”, etc.

O currículo da escola atual parece ser o alvo predileto dos programas da mídia. O Canal Futura, em seus diferentes programas está sempre criticando o currículo existente, lembrando quais são os conhecimentos úteis e necessários para o Brasil do novo século. Professoras/es, diretoras/es ou estudantes que possuem experiências consideradas, pela televisão, alternativas, que incrementam os currículos, são expostos/as, são convidados/as a relatarem suas experiências, são elogiados/as e apresentados/as como modelos a serem seguidos. Esse papel é especialmente feito pelo programa “*Escola Legal*” do Canal Futura, apresentado por Regina Casé. Além disso, em parte significativa dos episódios do *Jornal Futura*, questões de currículo são notícias, ao dar ênfase às experiências de docentes que ainda conseguem dar aulas atraentes para os estudantes, apesar das condições desfavoráveis que enfrentam.

Assim, se já há alguns anos a educação escolar se constitui como “problema” da nossa sociedade e passa a ser objeto de estudo de diferentes áreas do conhecimento, nos anos 90 esse “problema” passa a ser objeto de investimento também da mídia, especialmente da televisão, que passa a opinar sobre o tipo de organização do trabalho na escola e sobre a gestão pedagógica e financeira, a convidar a comunidade a participar ativamente das decisões escolares, a fazer mutirões para reformar escolas, a propor conteúdos curriculares, a planejar aulas, a contar *histórias* para as crianças e para os/as jovens alunos/as, a trazer intelectuais de diferentes países para opinar sobre a nossa educação e a apresentar aos/às nossos/as professores/as e dirigentes as sugestões dadas por esses intelectuais.

Através de *mega/shows*, de grandes espetáculos, a mídia faz parcerias com artistas de prestígio que convidam toda a comunidade a participar da década da educação. As professoras são convidadas a assistirem o Canal Futura e a acreditarem também na “*parceria pelo conhecimento*”. A Rede Globo de televisão, lidera uma campanha

---

de novembro de 1999; 13, 14, 15 e 16 de dezembro de 1999; 14, 15, 16 e 18 de fevereiro de 2000 e 23, 24 e 25 de março de 2000.



denominada “*Brasil: 500 anos*”<sup>11</sup>, que faz uma contagem regressiva do “Descobrimento do Brasil”. Nessa campanha ela nomeia os problemas que o Brasil deve enfrentar urgentemente e, é claro, a educação escolar aparece como “o carro chefe” da campanha. A escola é aí apresentada, falada, propagada, exposta.

É evidente, portanto, que a televisão está produzindo um discurso sobre e para a escola e o currículo. E, como aprendemos de Foucault, é no discurso que vêm a se articular poder e saber. E o saber não é externo ao poder. Em vez disso, poder e saber são articulados e mutuamente dependentes (Foucault, 1996). Assim, o saber é um ambiente articulado ao poder, por isso o saber produz suas verdades, seus regimes de verdades, que se instauram e se revelam nas práticas discursivas e não discursivas (Foucault, 1995). O autor ressalta, ainda, o fato de o discurso constituir a realidade, na medida em que forma os objetos dos quais ele fala. Assim, o discurso da televisão ao falar sobre a escola, sobre o currículo, sobre o conhecimento, sobre o/a professor/a, sobre o/a aluno/a, ele termina também definindo o que constitui a escola, o currículo, o conhecimento, o/a professor/a, o/a aluno/a. É assim que vimos na televisão a produção do sujeito “amigo da escola”, do “currículo afetivo e alternativo”, “da Escola Legal” e do “voluntário da educação”,

### **A produção do sujeito “amigo da escola” e o afeto no currículo televisivo**

Para Foucault (1996), não existe saber que não seja a expressão de uma vontade de poder; e não existe poder que não utilize o saber, sobretudo um saber que se expressa como conhecimento das pessoas submetidas ao poder. É também o poder que está na origem do processo pelo qual nos tornamos sujeitos de um determinado tipo. Assim, os sujeitos recebem sua identidade a partir dos aparatos discursivos e institucionais que os definem como tais.

Em setembro de 1999, o Canal Futura iniciou a divulgação de diferentes comerciais e programas que expõem um projeto da Rede Globo intitulado: “*Amigos da escola*”, que tem por objetivos: “*conquistar o voluntariado para a educação, a participação da comunidade na vida escolar e a melhoria da escola pública*”. Penso que esse projeto, os

---

<sup>11</sup> Essa campanha é exemplar para mostrar como o poder inscrito nesse discurso opera dividindo, se tivermos em vista a questão da diversidade. Nesse caso, como resultado da divisão, as etnias indígenas são excluídas da história do Brasil. O tema é o descobrimento do Brasil, mas a referência do discurso é a história oficial, que

comerciais que ele veicula e os programas do Canal Futura criados a partir desse projeto – o programa *Ação*, apresentado por Serginho Groisman e o programa “*Amigos da escola: foco de atuação*”, apresentado por Tony Ramos –, são importantes para serem descritos e analisados, porque eles repetem vários enunciados sobre a escola e o currículo, expostos em diferentes programas do Canal Futura e sintetizam várias idéias veiculadas por esse canal.

Além de inúmeros comerciais, muito bem feitos, com imagens bonitas, textos firmes e convidativos, com fundos musicais de ritmos alegres e que apelam para a emoção, a participação e o afeto<sup>12</sup>, durante os intervalos de toda a sua programação, o Canal Futura divulga as escolas e os voluntários que já aderiram ao projeto “*Amigos da escola*”. Ele usa diferentes profissionais para dizer o que é ser voluntário, para falar como deve ser sua participação na escola e para narrar as contribuições dos voluntários, *amigos da escola*, para a melhoria da educação pública brasileira.

Cada uma dessas tecnologias, cumpre um papel. O programa *Ação*<sup>13</sup> dá ênfase “às *peessoas importantes que têm investido na escola pública*”, e “às *lembranças que pessoas importantes têm da escola pública, quando essa era uma escola de boa qualidade*”. Quando o apresentador do programa fala em “*peessoas importantes*”, no primeiro caso, está se referindo basicamente a empresários/as que possuem algum projeto na área educacional e/ou social e a representantes de ONGs. No segundo caso se refere a pessoas que, também, chama de “*famosas*”: são artistas, políticos, empresários e jornalistas que estudaram, em alguma época da vida, em escolas públicas e vão ao programa relatar suas *nostálgicas* lembranças daquela escola. Muitas vezes ela é lembrada como melhor porque “*era rígida*”; “*era disputada*”; “*os professores valorizavam mais o saber científico*”; “*a escola era o*

---

marca a data pela suposta chegada do português Pedro Álvares Cabral no Brasil. Os índios são excluídos dessa história, são silenciados, negados. Inspirada na música de Belchior, poderíamos perguntar: **500 anos de que?**

<sup>12</sup> Reproduzo aqui um desses comerciais repetido várias vezes ao dia no Canal Futural e na Rede Globo: **Locução**: “Faz bem pro seu vocabulário. Faz bem pra sua paciência. Faz bem pra sua agilidade. Faz bem pra você e pra muita gente! Seja voluntário do amigos da escola! Um pouco do seu tempo pode fazer muito pela educação. Cinco de dezembro: dia do voluntário!” (Toni Ramos, narrando *em off*). Uma outra voz, não identificada, diz: “Apoio (...): soluções para você”. Junto com o texto *em off* vão aparecendo as seguintes **imagens**: primeiro, aparece a imagem de um caderno de palavras cruzadas com uma caneta deixada displicentemente sobre ele. Segundo, aparece um quebra-cabeça parcialmente montado. Terceiro, aparece um “*minigame*” (videogame de mão, portátil). Quarto, aparece uma camiseta branca silkada com o logotipo do amigos da escola. Quinto, dá-se um *close* no mesmo logotipo e aparece o endereço na Internet: [www.amigosdaescola.com.br](http://www.amigosdaescola.com.br). Por último, aparece, sobre o fundo branco da camiseta, o texto: “5 de dezembro, dia do voluntário”. Ao final aparece o logotipo da Rede Globo com o n.º 500 saindo do mapa do Brasil.

<sup>13</sup>No próximo tópico deste trabalho, ao abordar as vozes autorizadas pelo discurso televisivo para falar sobre a escola, detalharei melhor do que se trata esse programa.

*segundo lar e a professora a segunda mãe*”; ou coisas do tipo. O discurso da necessidade de todos se responsabilizarem pela educação pública é repetido incansavelmente. O apelo pelo voluntarismo também é recorrente e a estratégia adotada é “o afeto”. Assim, o programa expõe o “carinho”, o “agradecimento”, “o reconhecimento”, que os sujeitos que são ajudados, nutrem pelas pessoas, pelos empresários ou pelas professoras que as ajudaram. Ao mesmo tempo mostram a “satisfação”, a “alegria”, o “prazer” daqueles que “agiram” e “fizeram alguma coisa para melhorar a educação do Brasil”.

Os comerciais, por sua vez, produzem o sujeito “amigo da escola” – aquele que doa seu trabalho para uma escola pública –, seduz a população para se tornar um voluntário<sup>14</sup> e, conseqüentemente, um “amigo da escola”, apresenta escolas harmônicas, currículos prazerosos, aulas de diferentes disciplinas que são dadas por voluntários em espaços diversos, tais como praias, parques, ruas, bibliotecas, quadras e videotecas. O afeto aqui é a estratégia central. Os/as voluntários/as aparecem sempre descontraídos/as, sorridentes, próximos/as às crianças, sempre com contato físico, abraçados/as aos alunos, sentados juntos/as, brincando. No final de todos os comerciais os/as voluntários/as pousam junto com os/as alunos para uma fotografia. A fotografia é o próprio símbolo desse afeto, carinho, companheirismo e parceria que o discurso televisivo vem produzindo como importante para a melhoria da escola pública.

Aliado a isso, em todo o Canal Futura e, especialmente no programa “*Amigos da escola: focos de atuação*”, que cumpre o papel de mostrar as mudanças ocorridas no currículo, na organização da escola e na infra-estrutura física das escolas que receberam os voluntários, é possível ver a repetição constante de enunciados que, através de pessoas as mais diferentes possíveis, relacionam o currículo e a escola a “afeto” e dizem o que é ser um voluntário, tais como: “*Escola Legal se faz com ciência e afeto*”; “*ser voluntário é fazer as coisas com amor*”; “*os alunos têm o maior carinho por uma escola alegre*”; “*ser voluntário é fazer o coração bater mais forte*”; “*um bom currículo é aquele que desenvolve a criatividade e o carinho pelo outro*”.

---

<sup>14</sup>Conforme lembra Veiga Neto (1995), para Foucault, o poder se manifesta como resultado da vontade que cada um tem de atuar sobre a ação alheia, de modo a estruturar o campo possível da ação dos outros, ou seja governá-los. É essa vontade que se denomina vontade de poder.

O discurso técnico-científico do currículo, tal como conhecemos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) ou nas Matrizes Curriculares de Referência para o Sistema de Avaliação de Educação Básica (MCR para o SAEB), parece estar longe do currículo exposto nesses programas e comerciais do Canal Futura. Ou, então, se estiver presente, ele está metamorfoseado de tal modo que mais parece uma outra coisa. É claro que não podemos nos esquecer de que embora esses comerciais e programas representem uma escola e um currículo diferentes, o discurso técnico-científico do currículo é controlado e garantido por outras medidas complementares: suas teleaulas, os programas produzidos pela TV Escola e pelo Canal Futura, os livros didáticos, os PCNs, as avaliações, etc.

Esse currículo da televisão que fala em afeto, escola legal, alegre e divertida me parece especialmente complicado porque ao invés de abordar os problemas sociais que multiplicam-se neste tempo em que vivemos, quando agravam-se as desigualdades sociais, persistem a pobreza e a miséria, aumenta o desemprego, degrada-se o meio ambiente, acentuam-se os problemas demográficos, reacendem-se preconceitos, a televisão propõe “amizade”, “afeto”, “emoção” e “trabalho gratuito”, como soluções para os problemas educacionais, sem que se discutam esses problemas, as exclusões, as diferenças e as desigualdades existentes.

Já sabemos que ocultando ou silenciando as diferenças e desigualdades sociais e culturais só estaremos contribuindo para acirrar as injustiças existentes. Embora essa alegria, e harmonia aparentem inocência e desinteresse, estas podem ser as formas pedagógicas pelas quais o projeto da mídia busca conquistar o apoio popular, as estratégias utilizadas para controlar e governar as pessoas, de tal modo que passemos a operar com sua lógica<sup>15</sup>. Afinal, já sabemos que o discurso é “uma prática que sistematicamente forma os objetos de que fala” (Foucault, 1995, p.50).

### **As vozes autorizadas**

---

<sup>15</sup> O poder, para Foucault, regula a conduta, governa os indivíduos, divide, inclui ou exclui.

Basta descrever o discurso sobre a escola produzido pela televisão para, então, aparecer o projeto social dos grupos que exercem poder, o projeto de educação desse grupo e, certamente, os interesses na produção desse discurso ou desse ‘regime de verdade’<sup>16</sup>.

Em primeiro lugar é importante deixar claro que o Canal Futura dá voz a docentes de diferentes escolas públicas do Brasil quando se trata de currículo. Diferentes professoras são convidadas a dizerem como desenvolvem um determinado tema, a mostrarem as estratégias utilizadas para tornar sua aula mais atraente ou mais dinâmica, a relatarem como fazem o currículo ficar mais interessante e mais relacionado com a vida dos/as alunos/as, a mostrarem como trabalham alguns conteúdos, a exporem suas experiências. O Canal Futura denomina tais currículos e experiências de “alternativos/as”<sup>17</sup>.

É claro que as vozes dos/as professores/as escolhidas e autorizadas para dizerem, na televisão, como deve ser o currículo, são selecionadas. Nem todas as professoras podem dizer coisas sobre a educação e o currículo. Parece que os/as professores/as escolhidos/as e autorizados/as a falarem e exporem sua prática na televisão são exatamente aqueles/as que desenvolvem currículos parecidos com o currículo proposto por ela, em suas teleaulas e em seus programas direcionados para a escola.

Com essa estratégia, o Canal Futura fala e ensina como deve ser o currículo, utilizando os/as próprios/as professores/as e suas experiências. Nesse processo, o Canal Futura coloca em ação tecnologias para governar e administrar os/as professoras/es e produzir tanto o currículo, como os/as professores/as adequados/as para o desenvolvimento desse currículo.

Em segundo lugar, é importante registrar que se há muito tempo os discursos vinculados a noções particulares de ciência têm sido mais prontamente aceitos que outros

---

<sup>16</sup> Como argumenta Jennifer Gore (1995), “não é apenas em relação aos discursos ‘dominantes’ ou dominadores’ de qualquer sociedade que faz sentido falar em regimes de verdade. Se o poder e a verdade estão ‘ligados numa relação circular’, se a verdade existe numa relação de poder e o poder opera em conexão com a verdade, então todos os discursos podem ser vistos funcionando como regimes de verdade” (p.10).

<sup>17</sup> Parece que o termo alternativo tem como referencial o que ele chama de tradicional, que parece se referir a experiências e currículos diferentes daquele que ele propõe, já que os enunciados que usa ao divulgar tais experiências são do tipo: “A professora (...) abandona o modo tradicional de ensinar e consegue a atenção e o interesse dos seus alunos com suas aulas alternativas”; ou “Vejam como na escola (...) os professores mudam o currículo tradicional trabalhando conteúdos atuais de diferentes áreas através do tema coleta de lixo”; ou “A sala de aula da professora (...) em nada se parece com as salas de aulas tradicionais”; ou ainda “O Canal Futura tem auxiliado os professores da Escola (...) a mudar o currículo tradicional e desenvolver temas mais importantes para os alunos”.

tipos de discursos e se um *status* profissional, científico e intelectual tem sido concedido àqueles que estão encarregados de dizer o que conta como verdade, os discursos da televisão, embora tendo que funcionar no contexto dessa política geral de verdade sobre a educação, vêm construindo suas próprias verdades sobre a escola, suas próprias versões daquilo que conta como verdade, de quem está autorizado a falar.

Esse discurso da televisão tem autorizado certos grupos de pessoas, ao mesmo tempo em que desautoriza outros. O programa *Ação*, que vai ao ar no Canal Futura todas as segundas e sextas feiras às 8h40, com reprise aos sábados às 20 horas<sup>18</sup>, amplamente propagado pela Rede Globo e pelo Canal Futura, foi divulgado pelo *Vídeo-Show*<sup>19</sup> de um modo que considero bastante revelador e que dá uma boa idéia das pessoas que passam a ter autoridade para falar de escola no discurso televisivo:

**Cenas do Vídeo-show:** A apresentação é iniciada por Miguel Fallabela com as seguintes palavras: "O negócio é levantar da poltrona e tentar fazer alguma coisa, trabalhar para tornar este país num país melhor. Nesse último sábado estreou, na TV Globo e no Canal Futura, o programa *Ação*, comandado por Serginho Groisman, e Cris Couto lhe dá as boas vindas". A imagem muda para mostrar a repórter Cris Couto com o apresentador Serginho Groisman, que assim sintetiza a idéia do programa: "Na verdade é uma idéia que nasceu de um projeto da Rede Globo, *Amigos da Criança*, em cima de seminários, conferências e reflexões com educadores, não só nacionais mas internacionais e se transformou num programa a partir de alguns princípios: valorização da escola pública, voluntariado e comunidade". As imagens vão mostrando os quadros do programa e a repórter, Cris Couto, informa: "O primeiro *Ação*, exibido no sábado passado, teve a participação de **algumas mulheres que estão envolvidas na luta para melhorar a educação** das crianças brasileiras". A imagem focaliza uma dessas mulheres, Viviane Senna (empresária). A repórter lhe pergunta: "Qual a importância de um projeto como esse?" Ela responde: " Olha, é dá maior importância! É uma questão estratégica para o País. **Uma estratégia de desenvolvimento econômico**, social e político. **Não é uma questão pedagógica!** Todos nós podemos e devemos contribuir para uma educação de qualidade para todos". Novamente a imagem retorna a Serginho Groisman, que fala mais sobre o programa: "Existem também alguns quadros. Existe um quadro chamado "Galeria", onde pessoas famosas falam a respeito da sua vida escolar. É claro tem reflexões também a respeito de como a escola pública, há um tempo atrás, **era importante, era disputada e não tão abandonada**<sup>20</sup>". Cris Couto, encerra a cena dizendo: "Você já sabe, então, o programa *Ação*, com Serginho Groisman, vai ao ar todo sábado às 8h15. Tá valendo a pena acordar um pouquinho mais cedo e acompanhar o *Ação*".

Vemos, nesse discurso, que não cansa de ser repetido na tela da TV, mais uma vez, o apelo para que todos "saíam da poltrona e façam algo pela educação". Afinal ela deve ser **responsabilidade de todos**. O Estado não pode assumir essa responsabilidade, e a mídia se encarrega de dizer isso à população, de seduzir a todos para acreditarem nesse discurso e se

---

<sup>18</sup> Além disso, a Rede Globo também transmite o programa todos os sábados às 8h15.

<sup>19</sup>Embora seja um programa da Globo e não do Canal Futura, resolvi trazer essa cena para este trabalho, porque ela mostra muito bem a idéia do programa *Ação* e as pessoas autorizadas a falarem sobre a educação.

<sup>20</sup> Todos os grifos são meus.

responsabilizarem pela escola pública. Ao produzir esse discurso, a televisão joga para a escola e a comunidade a responsabilidade pelo bom funcionamento da escola pública. Ou seja, aquela escola que conseguir fazer “parcerias” com empresas e que conquistar voluntários pode ter um bom funcionamento; aquelas que não o fizeram, é porque não se mobilizaram o suficiente, portanto, são elas próprias as responsáveis pelo seu mau funcionamento.

As metas, o credo e as idéias que o projeto divulga são explicitadas pela televisão, através do apresentador do programa, sem qualquer receio. No discurso televisivo, ser *voluntário na educação* só faz bem. Faz bem para quem participa, faz bem para a escola e faz bem para o Brasil<sup>21</sup>.

Poderíamos dizer de imediato, como vários/as pesquisadores/as já o fizeram, que se trata de uma resposta do capitalismo a problemas de ordem econômica, ou seja, faz parte da política neoliberal, que condena a responsabilização do Estado pelas questões sociais. Desse modo o Estado se desresponsabiliza pela escola pública e deixa o mercado agir livremente.

No entanto, se pensarmos o neoliberalismo, conforme sugerido por Foucault, como uma questão de governamentalidade, veremos que mais autonomia significa também mais governo – da conduta das pessoas – (Rose, 1998 e Silva, 1998). Assim esse discurso do voluntarismo na educação pode significar a condição mesma do processo de governamentalização do estado. Nessa perspectiva, tal discurso da televisão sobre e para a escola pode ser entendido como uma forma de poder que estende o alcance do governo para outros domínios da conduta humana.

Mas penso que nunca esse discurso foi tão repetido, proliferado, multiplicado. Assim é interessante questionar por que esse discurso reaparece agora e com tanta força<sup>22</sup>.

Mais intrigante ainda são os “especialistas” que têm voz na televisão, especialmente no Canal Futura, para falar sobre a educação. Se através de professores/as de estudantes, de

---

<sup>21</sup> Cabe registrar que os produtores do discurso: “todos devem fazer um pouco pela educação”, aqueles que tiram a responsabilidade do Estado pela educação pública, são exatamente os mesmos que utilizam os recursos desse Estado para obter vantagens e para realizar seus projetos. O projeto *Amigos da Escola*, que promove o voluntarismo na educação, se utiliza de recursos do MEC para implementá-lo. Como está explicitado no projeto, disponível na Internet no endereço [www.amigosdaescola.com.br](http://www.amigosdaescola.com.br), “o amigos da escola tem o apoio do Ministério da Educação”.

diretores/as e de diferentes profissionais (transformados em voluntários) a televisão expõe seus discursos sobre e para a escola; ela autoriza outros especialistas a dizer coisas sobre a educação. A empresária, citada no episódio transcrito acima, fala de sua concepção de educação com uma autoridade que lhe é dada quando a televisão a apresenta como “*uma das mulheres que estão envolvidas na luta para melhorar a educação das crianças brasileiras*”. E não por acaso é esta a empresária escolhida, e não outra, para dizer essas coisas sobre a educação. Afinal, além de implementar projetos na área da educação como o “*Acelera Brasil*”<sup>23</sup> coordenado e financiado pela Fundação Ayrton Senna, que ela administra; ela é a irmã do piloto Ayrton Senna, conhecido ídolo de muitos/as brasileiros/as. Sua imagem é associada a ele e, em vários momentos que aparece no Canal Futura, junto com sua imagem aparece o rosto do piloto.

Vê-se, portanto, que as vozes autorizadas são outras. Se a imagem e a voz de Paulo Freire aparecem no Futura dizendo: “*a educação permanente só se faz com a reflexão crítica do educador*” é para o Canal Futura dizer em seguida: “*nós também acreditamos que a educação transforma a sociedade; por isso investimos no Futura, apostando em você*”. Em seguida o Canal Futura lista os grupos empresariais que nele investem.

Além disso os/as empresários/as opinam sobre como deve ser a educação, porque ela é importante e como estão contribuindo para “*construir uma educação melhor e um país melhor*”. Os Comentaristas do Jornal Futura são jornalistas, apresentados como “*profundos conhecedores dos problemas educacionais do nosso tempo*”<sup>24</sup>. A diferentes artistas, cantores/as e compositores/as são permitidos/as dizerem coisas sobre a educação. Desse modo, é possível constatar que no processo de produção de um discurso para e sobre a escola, a televisão autoriza algumas pessoas e, conseqüentemente, desautoriza outras. Os

---

<sup>22</sup> É claro que não podemos nos esquecer de que mudaram-se os protagonistas do processo. Quem convida, agora, é a televisão, a Rede Globo, o Canal Futura, é o Toni Ramos, a Letícia Sabatela ou a Regina Casé. A televisão atrai, seduz, mostra, expõe, repete, multiplica.

<sup>23</sup> Esse projeto, a partir do mês de abril de 2000, se tornará mais um programa do Canal Futura. Comerciais sobre esse programa já são divulgados no Canal.

<sup>24</sup> São esses jornalistas e comentaristas que dizem, no Jornal Futura, coisas do tipo: “*é um absurdo os professores utilizarem as greves para reivindicar melhores salários e melhores condições de trabalho. O governo não perde nada com isso; os únicos que perdem são os alunos que ficam sem as aulas*”; ou ainda “*é da maior importância um evento internacional como esse que coloca em pauta os problemas educacionais do mundo, principalmente porque esse evento conta com a participação de pessoas importantes do Banco Mundial e do Banco Interamericano de Desenvolvimento que tem sido muito solidárias na resolução dos problemas educacionais dos países mais pobres*”.



especialistas autorizados a falar na televisão sobre a escola e o currículo mudaram. Mudam-se, também, as estratégias, o cenário e, talvez, a perspectiva. Produz-se, portanto, um outro discurso, outra “verdade”.

Finalmente, a partir da minha interlocução com estudos foucaultianos, penso que a televisão, usando de novas técnicas, outras estratégias e outros “especialistas”, constrói e produz um tipo de currículo, propondo às escolas uma multiplicidade de temas, conteúdos, histórias, regras e normas. Ela produz também o/a professor/a necessário/a para desenvolver esse currículo e o/a aluno/a “adequado” para ser formado/a por esse currículo tecnológico. As evidências advindas de minhas observações dos discursos da televisão para e sobre a escola e o currículo, apontam para uma tentativa da televisão de seduzir “as mentes e os corações dos/as brasileiros/as” para que se passem a definir a educação, a entender a escola ideal e o currículo ideal para o Brasil do novo século, a partir das suas idéias.

### Bibliografia

- DALTON, Mary M. O currículo de Hollywood: quem é o bom professor, quem é a boa professora? Porto Alegre: *Educação e Realidade*, v.21, n. 1, jan./jun. 1996, p. 97-122.
- FISKE, J. *Introduction to Communication Studies*. London: Routledge, 2ª ed. 1994.
- FOUCAULT, M. Truth and power. In: C. Gorgon (Org.). *Power/knowledge: selected interviews and other writings 1972-1977*. Nova York, Pantheon Books, p. 109-133, 1980.
- . *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense, 4. ed. 1995.
- . *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 12. ed., 1996.
- . *Vigiar e punir*. Petrópolis: vozes, 15ª ed., 1997.
- GIROUX, H. Memória e pedagogia no maravilhoso mundo da Disney. In: SILVA, T.T.da(Org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, p.132-158, 1995a.
- . Praticando Estudos Culturais nas Faculdades de Educação. In: SILVA, T. T. da (Org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, p. 85-103, 1995b.
- . A Disneyzação da cultura infantil. In SILVA, T.T. da e MOREIRA, A F. (Orgs.). *Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais*. Petrópolis: Vozes, p.49-81, 1995c.
- GORE, J. M. Foucault e Educação: fascinantes desafios. In: SILVA, T. T. da (Org.). *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 9-20.
- GREEN, B. e BIGUM, C. Alienígenas em sala de aula. In: SILVA, T. T. da (Org.). *Alienígenas em sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, p. 208-243, 1995.
- . *Culture, Media, Language*. London: Routledge. 2ª ed. 1992.
- KELLNER, D. Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna. In: SILVA, T.T.da (Org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 104-131.
- ROSE, N. Governando a alma: a formação do eu privado. In: SILVA, T. T. da (Org.). *Liberdades Reguladas*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 30-45.
- SILVA, T. T. da. As pedagogias psi e o governo do eu. In: SILVA, T. T. da (Org.). *Liberdades Reguladas*. Petrópolis: Vozes, 1998, p.7-13.
- . *Documentos de Identidade*. Belo Horizonte: Autêntica. 1999a.
- . *O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular*. Belo Horizonte: Autêntica. 1999b.
- VEIGA-NETO, A J. Michel Foucault e Educação: há algo de novo sob o sol? In: VEIGA-NETO, A J. (Org.). *Crítica pós-estruturalista e educação*. Porto Alegre: Sulina, 1995, p. 9-56.

